

A escrita como transformação

Louise Glück

A escrita como transformação

Louise Glück

Tradução de Cecília Rocha

Nota da tradutora

Com o título “Writing as Transformation”, este breve ensaio foi publicado na revista *New Yorker*, em janeiro de 2025.

Me parece que eu quis escrever durante toda a minha vida. A intensidade dessa insistência, apesar de sua implausibilidade, sugere uma precisão que é mais emocional do que literal. Sinto que minha vida não parecia *minha* vida até que eu começasse a escrever.

Eu vim de uma família de faladores. Mas falar, na minha casa, não era conversar. Falar era estender-se. Prevalecer. Ter a última palavra. Só uma pessoa por vez, o que significava que havia constantes intromissões e interrupções à medida que a impaciência para falar se tornava mais febril e mais inquieta. Todos queriam falar. Ninguém queria ouvir. Nesse aspecto, eu era exatamente como minha mãe e meu pai e minha irmã, embora tivéssemos, cada um de nós, um estilo distinto.

As frases na minha cabeça se pareciam cada vez mais com as frases que eu amava nos livros: elas começavam num lugar e terminavam em outro, para onde não se imaginaria que estivessem indo, ainda que, a cada volta, uma ideia parecesse seguir outra ideia de uma maneira perfeitamente natural. A surpresa no final, quando o pensamento se completava, era deslumbrante: a frase inteira tinha que ser reexperimentada sob essa luz; o resultado eram ondas de revelações e vislumbres inesperados. Paradoxo. Mas um paradoxo interrompido não é apenas editado – ele é alterado fundamentalmente, algumas vezes se tornando o oposto ordenado e razoável do que parecia estar destinado a ser. Por eu nunca conseguir terminar o que pretendia dizer, uma resposta (nas raras ocasiões em que uma era dada) nunca parecia uma resposta ao meu pensamento, mas sim à ideia simplificada que ele havia se tornado.

Passei a ter a sensação de que o eu que eu era no mundo, entre outros eus, era alternadamente precário e invisível. Eu não achava a fala um bom veículo para o eu, ou sua expressão, porque na minha infância não havia sido assim. A página era diferente. Aqui minha voz tinha estabilidade e imutabilidade, qualidades que eu desejava intensamente e das quais nunca sequer me

aproximei em minhas interações pessoais. E como poderia? Estabilidade e imutabilidade não são características da palavra falada.

Aprendi a ler muito cedo. E comecei a escrever na mesma época. Meu pai também escrevia. Ele escrevia versos espirituosos e rimados, versinhos divertidos; e o som desses versinhos estão na minha cabeça desde que me entendo por gente. Eu sabia como funcionava a rima. Eu ouvia como a forma dos padrões rítmicos transmitiam uma estranha impressão de inteireza e inevitabilidade. Comecei a escrever minhas próprias versões desse tipo de poema, pequenas cantigas existenciais sombrias, usando o vocabulário disponível para mim aos, digamos, cinco anos de idade:

Se gatinhos gostassem de ossos,
E cachorrinhos bebessem leite;
Se elefantes andassem pela cidade
Vestidos de seda e cheios de enfeites;
Se pintarroxos saíssem para passear,
E deslizassem gritando sem querer,
Se tudo isso fosse para ser,
O que restaria às pessoas, para viver?

Minha irmã e eu também escrevíamos livros. Nosso pai era nosso escriba. Inventávamos histórias e ele as escrevia em papéis dobrados, que formavam livros; depois, quando a escrita estava completa, minha irmã e eu fazíamos ilustrações nos grandes espaços deixados para elas. Que eu saiba, nenhum desses livros ainda existe, mas me lembro de como eram. Eu me lembro da alegria de criar coisas; me lembro da absorção, o mundo se distanciando.

Inventar histórias, inventar qualquer coisa, me parecia a atividade mais envolvente e maravilhosa que se podia imaginar. E a história parecia, de alguma maneira, mais importante do que qualquer outra coisa no mundo, talvez por não estar sujeita a mudanças. Imagino que as pessoas acreditem em Deus pelo mesmo motivo.

Nos poemas que escrevia na época, o prazer dos versinhos divertidos se unia à louca felicidade de inventar algo que teria uma existência própria, mais convincente e mais durável do que a minha existência humana pouco confiável. Esses poemas *eram* eu; eles me representavam ou incorporavam. Mas, ao mesmo tempo, não eram eu; eram algo à parte que poderia ser estudado e ajustado e aperfeiçoado, como o meu verdadeiro eu não poderia ser. Eu era a escritora; era também a leitora. O ato criativo imersivo dava origem

à distância analítica à medida que o poema finalizado se desvinculava de sua autora. Eu não tinha controle sobre o eu escritor, que parecia vulnerável ao acaso e ao capricho, sobre o qual eu sentia uma ansiedade constante. Mas eu tinha um controle infinito como leitora, como crítica. Controle e disposição e um investimento intenso. Detalhes imperfeitos e percepções convencionais me atormentavam; eram problemas que eu tentava resolver, até mesmo na infância. O processo era chamado de revisão, aprendi mais tarde, embora a palavra parecesse um pouco calma para um esforço tão prolongado e muitas vezes tão desalentador.

A escrita tornou-se quase imediatamente a forma de comunicação que me parecia a mais verdadeira e menos complicada. Conversas importantes são rotineiramente lembradas de formas diferentes. Da fala, resta uma impressão, que a memória amplifica e distorce. Duas pessoas que escutem os mesmos comentários dificilmente terão lembranças idênticas sobre o que foi dito. Sem dúvida, as palavras exatas não serão lembradas. Ao passo que as palavras escritas só podem ser lembradas com exatidão; se a frase escrita não for repetida exatamente, palavra por palavra, ela não está sendo lembrada, está sendo parafraseada. O texto existente é a confirmação. No texto, as palavras não sofrem mutações ou trocam de lugar. O sentido pode ser contestado, mas as palavras sobrevivem à discussão e à mutilação.

Mas com quem eu estava me comunicando? Não tenho certeza. Em parte comigo mesma – eu estava aprendendo o que, ou ao menos como, eu pensava. Em parte com estranhos, meus leitores imaginados e ideais, a maioria dos quais ainda nem tinha nascido. Em parte com o futuro, uma época em que eu não existiria para me explicar.

As coisas que eu escrevia com tanta urgência não eram pensamentos fixos projetados do meu cérebro para a página. O que eu considerava um pensamento era um tipo de busca, uma missão. Mas era muito difícil. Não era a escrita como retórica ou catarse. Era a escrita como transformação (ou era isso que eu queria que fosse). Eu queria transformar a experiência, muitas vezes a decepção ou a mágoa, em uma forma exteriorizada que, em sua precisão e beleza, me separaria da experiência e a redimiria. A necessidade de escrever dessa forma era constante, mas a capacidade de escrever ia e vinha; muitas vezes, em minha vida, ela desaparecia por anos. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Em relação à criação de poemas, eu não tinha nenhum sentimento de agência. Palavras e frases vinham do nada; eu raramente entendia o que significavam ou a que contexto pertenciam. Eu tampouco conseguia acessar a fonte desses fragmentos. Qualquer que fosse a fonte, eu era sua vítima

(se não estivesse ouvindo nada) ou sua beneficiária. Na infância, eu me sentia como a Joana D'Arc da história que meu pai contava para minha irmã e para mim na hora de dormir, com a omissão das chamadas. Joana, que ouvia vozes e salvou a França. Eu também ouvia vozes. Eu escutava trechos de frases. Mas não tinha ideia do que elas estavam me dizendo.

Eu me sentia arrebatada, mas também atormentada. O que eu ouvia era sugestivo, assombroso, mas ininteligível. De qualquer maneira, frequentemente eu não ouvia nada. Mas, quando ouvia, ficava possuída.

Minha tarefa era descobrir o que as palavras significavam. Quem as havia dito. Por quê. O método pelo qual essas investigações eram conduzidas é bem conhecido dos psicanalistas e dos pacientes em análise. O objetivo, na verdade, não é tão diferente. Em seus termos mais essenciais, o objetivo é sempre descobrir o eu.

O método é a associação livre. O que eu fazia na análise imitava, para mim, o que eu fazia como escritora. A análise parecia uma busca paralela, com sua constante reinvestigação de conexões e transições, histórias arquetípicas variando ou não quando recontadas; rastrear o pensamento era como escrever, mas com uma diferença crucial. A associação livre na escrita, quando a escrita está realmente acontecendo e não meramente sendo desejada, é eufórica; o pensamento parece se mover para cima, para o céu, o panorama se amplia, o material disponível ao olhar se expande à medida que nos afastamos. Já na análise, a associação é em espiral, para baixo. Em direção às origens. Em direção aos alicerces. Capitulação ou reconhecimento e depois, às vezes, clareza. Mas não arrebatamento.

E há uma segunda diferença. Na associação analítica, a ferramenta ou o instrumento é a memória. A memória é examinada, e também a justaposição de memórias que não são sequenciais. Há outras jornadas, mas essa é, na minha experiência, a central. Não é assim na criação de um poema. Lembranças podem tremular aqui e ali, mas os saltos associativos estão quase que exclusivamente relacionados à linguagem, e a forma do poema é a forma criada pelas implicações e atmosferas inerentes a determinadas palavras ou estruturas sintáticas. Portanto, o processo é, de alguma maneira essencial, abstrato, um tipo de desbravamento que não tem base em eventos vividos.

Uma estranha relação com os poemas que já escrevi subsiste. Mesmo que tenham sido escritos para criar ou afirmar minha existência, quando finalizados eles deixam de fazer isso. O que eles sugeriam, quando os lia mais tarde, é que eu havia existido e tido pensamentos; que algo que havia sido vivo e específico estava agora em silêncio ou havia desaparecido. Assim os poemas se tornavam uma espécie de castigo, lembretes perturbadores do que já não era.

Como tudo isso é diferente, em sua essência e resultado, da vida física. Nos grandes eventos físicos, no prazer corporal extremo e no sofrimento corporal extremo, o eu desaparece completamente ou se perde. De qualquer forma, é um ato involuntário, diferente da batalha para ser, para existir, que está por trás da necessidade de escrever.

Escrevi um pequeno livro no verão passado, em prosa, sobre um par de gêmeas em seu primeiro ano de vida. Uma delas, apesar de ser pré-verbal, está obcecada pela ideia do livro que um dia escreverá – já está escrevendo em sua cabeça, embora não tenha palavras. Seu nome em meu livro é Marigold. Sua irmã, que é menos determinada, mais sociável e fácil de amar, é Rose. E Marigold sabe que precisa escrever o seu livro porque precisa que haja algo no mundo “que esteja ali para ela, assim como Rose está ali para Rose”.

– 2022

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha

Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira

Larissa Franco	Camila Lombardi Torres	Lucia Campos
Guilherme Gontijo Flores	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Rosa Cristina Vieira	Gonçalves da Costa	Pereira
Silvia Amelia Nogueira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Mayara Blasi	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Debora Salomao	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Valeska Alves-Brinkmann	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Rafael Camisassa	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Patrícia Mourão	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Karine Assis	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Lilian Jacoto	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Ana Martins Marques	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Elisa Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Michelle Santos Sena	Nadia Rodrigues	Aragon
de Oliveira	de Figueiredo	Rita Davis Cavalcanti
Aline Magalhães Pinto	Mariana Moura Cruz	Amir Brito Cador
Julia Baumfeld Machado	Mariana Zani	Natalia Timerman
Joao Guimaraes	Julia Panadés	Rafael Souza de Oliveira
Julia Raiz do Nascimento	Felipe Chemicatti	Mariana Lage
Lia Baron	Larissa Lins	Ana Paula Silva de Assis
Paulo Andre	Nathalia Scherer	Flavia Andrade Mafra
Felipe Magalhães	Diogo Cronemberger	Luiz Eduardo Araripe
Joana Tavares Pinto	Renata Hesseler Kreutz	Pretti Miranda
Maria Leite Chiaretti	Carla Maia	Rita Aragão de Podestá
Flávia Drummond Naves	Pedro Rena Todeschi	Fabiano Campelo
Carolina Junqueira	Leila Danziger	Bechelany
Mônica de Aquino	Laura Krebs Alvares	Icaro Ferraz Vidal Junior
Roberta Carvalho	Suzana Teixeira	Júlia Lopes
Romagnoli	de Macedo	Isabela Cristina Coelho
Desirée Kinoshita Ribeiro	Maria Rita Drumond Viana	Amano Carmo da Mota
de Oliveira	Reuben da Rocha	Isaac Pinto Firmino
Tatiana Blass	Ana Rabello	Pedro Meira Monteiro
Marcella Prado	Fernanda Regaldo	
André Guimarães Brasil	Herbert Baioco	
Paula Oliveira	Olivia Loureiro Viana	

Caderno de Leituras n. 184 | 2025

A escrita como transformação

Writing as Transformation

Louise Glück

Edição e preparação de texto

Maria Carolina Fenati

Tradução

Cecília Rocha

Revisão da tradução

Fernanda Regaldo

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Luísa Rabello

Coordenação da coleção

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, setembro de 2025

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com